

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

2 de Novembro de 2024

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

## FURONG ZHENG / 1986 “A Cidade dos Hibiscos”

*Um filme de Xie Jin*

*Argumento:* Ah Cheng e Xie Jib, baseado no romance de Gu Hua / *Diretor de fotografia* (35 mm, cor, scope): Lu Junsheng / *Cenários:* Jin Qifen / *Figurinos:* Zhang Cunzhong / *Música:* Je Yang / *Montagem:* Zhou Dingwen / *Som:* Zhu Weigang / *Interpretação:* Liu Xiaoqing (*Hu Yuyin*), Jiang Wen (*Qin Shutian*), Zheng Zaishi (*Gu Yangshan*), Zhu Shibin (*Wang Qiushe*), Xu Songzi (*Li Guoxiang, a comissária do povo*), Zhang Guangbei (*Li Mangeng*), Xu Ning (*Wu Zhaola*), Liu Linian (*Li Guigui, o marido de Hu Yuyin*) e outros.

*Produção:* Estúdio de Xangai / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendas eletrónicas em português / *Duração:* 136 minutos (duração da versão original distribuída na China: 150 minutos) / *Estreia mundial:* China, primavera de 1987 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 28 de Setembro de 2015, no âmbito do ciclo “Cinema Chinês”.

\*\*\*\*\*

A agilidade política de Xie Jin parece ser um fato estabelecido e dificilmente contestável, pois ele atravessou quase incólume as numerosas turbulências políticas do regime maoísta (“**Irmãos de Palco**” foi violentamente atacado durante a Revolução Cultural, mas ele não foi detido nem politicamente liquidado). Nos anos 80, Xie Jin foi comparado desfavoravelmente aos novos nomes da chamada Quinta Geração, justamente devido à sua estreiteza de pontos de vista. Mas estes ataques parecem ter reforçado a sua posição e ele foi utilizado pela velha geração de burocratas, que tinha pouca confiança nos jovens da Quinta Geração, como um rival pertencente a uma geração anterior, capaz de realizar filmes “normais”, com a destreza de que faziam prova os novos cineastas, porém com fidelidade aos antigos valores. Como observou Tony Rayns num artigo de 1988, *“obviamente, é fácil descartar muitos dos filmes de Xie Jin como os de um mero escriba do Partido (é seguro que nenhum realizador chinês foi tão hábil quanto ele em citar as ordens do Partido, quando necessário, para se justificar)”*. Podemos citar como exemplos deste aspecto do seu trabalho: a primeira versão de **“O Destacamento Feminino Vermelho”** (1961); um filme oficialíssimo sobre as vantagens da orientação político-económica de Deng Xiaoping (**Mumaren** / **“O Tratador de Cavalos”**); o filme, ainda mais oficial, sobre a devolução de Hong-Kong à China (**“A Guerra do Ópio”**); e até um *remake* do seu clássico melodrama socialista **“A Jogadora de Basquete nº 5”**, filme de 1957, cuja protagonista foi transformada em 2001 em **“A Jogadora de Futebol nº 9”**. Sem negar a sabujice do realizador, Tony Rayns procura uma saída elegante para o seu caso: *“Parece-nos mais útil vermos em Xie Jin o equivalente de um «contract director» em Hollywood nos anos 30 e 40, um experiente artesão que aceita todos os trabalhos que lhe dão e lida com as pressões que vêm de cima da maneira mais pragmática possível”*. Os fatos parecem indicar que Xie Jin foi as duas coisas: um oportunista de primeira, no contexto de um sistema político ultra-repressivo e um tanto imprevisível e pau para toda a obra, duas características que costumam condizer muito bem uma com a outra.

**Furong Zhen** teve imenso êxito de público na China, o que foi certamente a intenção das autoridades, já que o filme é um “digestivo” destinado a ajudar a passar o trauma da Revolução Cultural. Foi distribuído numa versão de duas horas e meia, em duas partes. Cerca de quinze minutos foram cortados para a exportação. Estes cortes são discriminados no mencionado artigo de Tony Rayns (“Let a Hundred Flowers...”,

*Monthly Film Bulletin*, Julho de 1988). A versão original termina com o seguinte intertítulo: “Os próximos sete ou oito anos passaram pacificamente. Caros espectadores, talvez daqui a sete ou oito anos façamos um outro **A Cidade dos Hibiscos** e vocês poderão ver como é a nova vida de Hu Yuyin e Qin Shutian juntos...”. Dois anos depois, houve a ocupação e o massacre da Tiananmen, em pleno centro de Pequim.

**Furong Zhen** é um filme *oficial* sobre os absurdos cometidos durante a Revolução Cultural, mas as vítimas não são, como é hábito, intelectuais, artistas e quadros do partido e sim modestos camponeses e aldeões, ou seja, os cidadãos comuns em nome dos quais a Revolução Cultural agia. Em termos políticos, pode-se dizer que o procedimento consiste, para o regime, em reconhecer as injustiças para virar de uma vez a página, o que implica, inevitavelmente, a impunidade dos que cometeram as piores injustiças. Não é à toa que uma vítima e o seu algoz – ex-vítima e ex-algoz? – conversam calmamente na sequência final, num diálogo em que a vítima concede o perdão ao carrasco, sem dúvida em nome da continuidade do país. Neste sentido, o filme não é nem quer ser nada sutil. Como bem observou Verina Glaessner no comentário que publicou no *Monthly Film Bulletin*, **Furong Zhen** aborda um tema central em muitas obras concebidas durante a Revolução Cultural e na massiva propaganda deste período: a luta contra os “direitistas”. Por vezes, porém, “o filme parece limitar-se a apresentar em ordem invertida os clichés do período anterior. Nos anos 70, Li teria sido a heroína e Hu a malvada. Os papéis foram invertidos, mas os atributos da «maldade» são basicamente os mesmos”. Em suma, na sua essência o discurso não mudou, apenas desviou-se de alvo. Glaessner cita ainda outro exemplo em **Furong Zhen** do aspecto sistemático e mecânico da inversão dos procedimentos dos filmes do período anterior: os grandes comícios, típicos dos filmes dos anos 70, onde são sempre inundados de sol, são aqui substituídos por cenas de punição pública, com poucas pessoas, sob uma chuva ininterrupta.

Mas a principal diferença entre este filme e todo o discurso oficial chinês durante os anos 60 e 70 é que tudo é mostrado através de histórias individuais e de pontos de vista individuais. Ninguém é um elemento na massa, um “caso” político, embora as vítimas recebam etiquetas definitivas e inapeláveis como *direitista* e *rica camponesa*. A ideia de mostrar as consequências da História sobre os indivíduos, que é realmente necessária num país onde se procurou extirpar a individualidade, convém muito bem a Xie Jin devido ao gosto do realizador pelo melodrama. No filme, as consequências da opressão política arbitrária são melodramáticas: a mulher perde o dinheiro, a casa e o marido, é condenada a varrer as ruas, mais tarde engravida de outro “direitista”, que é mandado para a cadeia durante dez anos, ao termo dos quais ele pode finalmente conhecer o filho, etc. Em suma, um rosário de desgraças, o que tem o efeito quase inevitável de suscitar a empatia do espectador, a sua identificação com o personagem-vítima, graças a técnicas de manipulação e chantagem sentimental quase tão antigas quanto o cinema. **Furong Zhen** é um melodrama político, sobre o qual paira a vasta questão do lugar do indivíduo numa *sociedade socialista*, onde qualquer individualidade é suspeita, o que é a própria razão do (melo)drama. Melodrama político e melodrama “socialista”, mas melodrama à mesma, com traição, desapontamento, acasos fatais. Num jogo de espelhos, neste filme cujos protagonistas são vítimas de uma justiça expeditiva, este sistema de justiça é, ele próprio, questionado e julgado. Entre a pura propaganda política e o melodrama que lhe serve de veículo, **Furong Zhen** é um filme cujas ambiguidades são bastante visíveis e cujos resultados não são exatamente imprevisíveis.

Antonio Rodrigues